

THOMAS DE WESSELOW

# O SINAL

O Santo Sudário  
e o segredo  
da Ressurreição

Tradução

BERILO VARGAS

DENISE BOTTMANN

DONALDSON M. GARSCHAGEN

*1ª reimpressão*

**B I B I B I B I**

Copyright © Thomas de Wesselow, 2012

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Publicado originalmente na língua inglesa no Reino Unido  
por Penguin Books Ltd.

O direito moral do autor foi assegurado

Todos os direitos reservados

*Gráfia atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor  
no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Sign: The Shroud of Turin  
and the Secret of the Resurrection

CAPA Alceu Nunes sobre caligrafia de Yomar Augusto

IMAGEM DE QUARTA CAPA © 1978 Coleção Barrie M. Schwartz,  
STERA, Inc. Todos os direitos reservados

PROJETO GRÁFICO Alceu Nunes e Joelmir Gonçalves

PREPARAÇÃO Cacilda Guerra

REVISÃO TÉCNICA Luiz Arturo Obojes

ÍNDICE REMISSIVO Luciano Marchiori

REVISÃO Vivian Miwa Matsushita e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Wesselow, Thomas de

O sinal : o Santo Sudário e o segredo da Ressurreição  
/ Thomas de Wesselow ; tradução Berilo Vargas, Denise  
Bottmann, Donaldson M. Garschagen. — 1ª ed. — São  
Paulo : Paralela, 2012.

Título original: The Sign : The Shroud of Turin  
and the Secret of the Resurrection.

ISBN 978-85-65530-00-2

1. Cristianismo 2. Igreja — História 3. Jesus  
Cristo — Ressurreição 4. Santo Sudário I. Título.

---

12-02745

CDD-270

Índice para catálogo sistemático:

1. Santo Sudário e o segredo da ressurreição :  
Cristianismo : História 270

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

# Sumário

<i>Prefácio</i> .....	11
PARTE I — INTRODUÇÕES	
1. A Ressurreição .....	15
2. O Santo Sudário .....	24
PARTE II — O ENIGMA HISTÓRICO	
3. O judaísmo antes da Páscoa .....	43
4. O testemunho de Paulo.....	61
5. O impacto da Páscoa .....	73
6. As narrativas dos Evangelhos .....	85
7. O caminho à frente.....	97
PARTE III — O SUDÁRIO IMPENSÁVEL	
8. Um espetáculo sem igual.....	107
9. O exame do linho.....	114

10. A imagem do sangue.....	131
11. A imagem do corpo .....	148
12. Uma imagem natural de Jesus? .....	164
13. O fiasco da datação por carbono .....	175
14. O Sudário no Oriente.....	189
PARTE IV — UMA VISÃO ATRAVÉS DO SUDÁRIO	
15. O Sudário animado .....	207
16. Jesus Ressuscitado.....	219
17. Jesus Ascendido .....	230
PARTE V — A PÁSCOA	
18. O sepultamento e o mito.....	241
19. A tumba nada vazia.....	254
20. O aparecimento às mulheres .....	264
21. O aparecimento a Pedro .....	274
22. O aparecimento aos Doze .....	286
PARTE VI — O NASCIMENTO DA IGREJA	
23. De acordo com as escrituras .....	301
24. Os aparecimentos esquecidos.....	315
25. O último dos apóstolos .....	327
26. O deslocamento para Edessa .....	339
PARTE VII — CONCLUSÃO	
27. O Sudário da Páscoa .....	349
<i>Cronologia</i> .....	359
<i>Notas</i> .....	365
<i>Referências bibliográficas</i> .....	433
<i>Créditos das imagens</i> .....	449
<i>Agradecimentos</i> .....	453
<i>Índice remissivo</i> .....	455

# Prefácio

Este livro trata de dois dos maiores mistérios do mundo. O primeiro — que os especialistas há muito tempo cansaram de debater sem jamais chegar a uma solução — é o mistério da Páscoa, ou seja, a suposta ressurreição de Jesus pouco tempo depois de sua crucificação. O segundo — que os especialistas, de modo geral, têm evitado debater — é o mistério da mais famosa relíquia do mundo, o Santo Sudário, com o qual Jesus teria sido sepultado. Minha tese é que esses dois mistérios estão relacionados e que, para resolver o primeiro, temos antes de discutir o segundo.

Este não é um livro acadêmico. Pode ser lido por qualquer pessoa interessada no Sudário ou em como surgiu o cristianismo. E pressupõe que o leitor nada sabe de nenhum dos dois assuntos. Meu objetivo consiste em apresentar, da forma mais clara possível, um jeito novo e revolucionário de compreender o surgimento do cristianismo. Muito mais poderia ter sido dito em cada etapa da exposição, mas, em benefício da clareza, a análise de todas as questões secundárias foi adiada para outra oportunidade.

Alguns podem se preocupar que, ao entrar no debate sobre a origem do cristianismo, eu esteja invadindo o campo dos teólogos e dos especialistas no Novo Testamento. Respeito a posição desses estudiosos, mas acredito que ideias importam mais que credenciais, e está mais do que na hora de as pessoas que não são especialistas opinarem nesse debate. Como historiador da arte, posso abordar a questão de um ângulo absolutamente novo e estou tão habilitado a falar sobre o Sudário quanto qualquer outra pessoa. Essa relíquia, acredito, é a chave para a solução do enigma histórico da Páscoa. Além disso, experiência na arte de analisar imagens é surpreendentemente útil quando se trata de avaliar essas representações tão complexas — os Evangelhos.

Minha argumentação decerto provocará polêmica, uma vez que lança dúvidas sobre a realidade da Ressurreição, o sustentáculo da fé cristã tradicional. Por isso, é importante ressaltar que meu texto não pretende, de forma alguma, ser um ataque ao cristianismo. Tudo o que desejo é aclarar um dos episódios mais importantes e obscuros da história humana. A conclusão a que chego é inteiramente compatível com o pensamento cristão progressista e, na realidade, é tão cética quanto a de muitos teólogos cristãos. Se parece

mais radical, é por basear-se no estudo de uma relíquia controversa, e não numa proposta filosófica.

Este livro, pois, repensa tanto a Ressurreição quanto o Santo Sudário. Sua estrutura é simples. Depois de apresentar os dois temas na parte I, analiso os indícios históricos sobre a Ressurreição na parte II. A seguir, na parte III, examino o Sudário e os vários debates científicos e históricos a seu respeito. Na parte IV, explico como o Sudário e a Ressurreição podem estar intimamente relacionados, embora não da forma como supõem aqueles que consideram a relíquia autêntica. O restante do texto constitui uma narrativa, uma tentativa de recontar os primórdios do cristianismo de acordo com a ideia central do livro.

No fim, espero, a Páscoa e o Sudário parecerão um pouco menos misteriosos, e a história humana, em seu conjunto, um pouco mais maravilhosa.

PARTE I  
INTRODUÇÕES

# 1. A Ressurreição

Há quase 2 mil anos, numa província periférica e sediciosa do Império Romano, durante o reinado do imperador Tibério, ocorreu um episódio que transformou o mundo de uma forma mais profunda do que qualquer outro evento na história. Uma faísca fez arder o combustível religioso da antiga Israel e, rapidamente, provocou um incêndio espiritual que ameaçou tomar conta de todo o mundo mediterrâneo. Não demorou nada para que labaredas reais se juntassem a esse incêndio metafórico. Uma geração após a fundação da Igreja, Nero transformou os seguidores romanos da “luz do mundo” em tochas humanas — “queimavam-nos à noite para servir de archotes e tochas ao público” —, como Tácito serenamente nos informa.<sup>1</sup> Três séculos mais tarde, no ano 325, depois que o imperador Constantino adotou o cristianismo como a religião oficial do Estado, foram os próprios cristãos que atearam as chamas quando os bispos e suas turbas se puseram a arrasar templos e santuários pagãos, inclusive a famosa biblioteca de Alexandria, o maior centro do saber no mundo antigo. A partir do fim do século IV, o triunfo da Igreja estava garantido. Na Europa, foram necessários quase dois milênios para que essa conflagração religiosa amainasse; em outras partes do mundo, sobretudo na África e na América, ela ainda perdura.

O que, afinal, foi essa faísca? O que inflamou o cristianismo? Sem dúvida, essa é uma das mais importantes perguntas históricas que podemos fazer. No entanto, a resposta ainda é absolutamente incerta. Podemos ter certeza de que ela teve alguma coisa a ver com um judeu chamado Jesus, executado como líder revolucionário pelo procurador da Judeia, Pôncio Pilatos, por volta do ano 30 da era cristã. Mas o motivo pelo qual essa pessoa relativamente obscura, cujas atividades não são mencionadas em nenhuma fonte contemporânea,<sup>2</sup> veio a ter uma carreira póstuma tão extraordinária é um mistério histórico de proporções verdadeiramente épicas. É esse mistério que me proponho a solucionar aqui.

Os cristãos sempre explicaram a origem de sua religião por meio de um mistério divino, a Ressurreição, palavra com a qual se referem (em termos



gerais) ao fato de Deus ter devolvido a vida a Jesus, miraculosamente, após um breve período em que esteve morto.

Nos Atos dos Apóstolos, a história lendária da Igreja primitiva — parte do Novo Testamento —, o Jesus Ressuscitado aparece a seus discípulos quarenta dias depois da Páscoa (ocasião de sua Ressurreição) e lhes comunica a missão que deverão executar: “Recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra”.<sup>3</sup> E a seguir o texto narra que os onze discípulos restantes elegeram um substituto de Judas, o traidor, para que se tornasse com eles “testemunha de sua ressurreição”, e que Pedro fez uma alocução à multidão reunida no dia de Pentecostes, encerrando sua fala com as seguintes palavras: “Deus ressuscitou este Jesus, do que todos nós somos testemunhas”.<sup>4</sup> Seja o que for que Jesus tenha feito ou dito antes de sua morte, o livro dos Atos deixa claro que a Igreja primitiva estava dedicada, acima de tudo, a proclamar sua Ressurreição.

O livro dos Atos não é uma fonte de todo confiável, mas nesse aspecto, ao menos, é perfeitamente histórico. O testemunho da Ressurreição constitui a essência dos mais antigos textos cristãos com que contamos: as epístolas (cartas) do apóstolo Paulo. Todas elas foram escritas na década de 50 d.C., mais ou menos meio século antes dos Atos. Como se sabe, em nenhum momento Paulo mostra o menor interesse pela vida e pela carreira de Jesus. Em vez disso, ele se concentra na morte e na Ressurreição do homem a quem chama, jubiloso, de “o Senhor”. Chega a afirmar que a Ressurreição está no cerne de tudo o que ele prega: “E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé”.<sup>5</sup> O foco de Paulo na Ressurreição por vezes é considerado inusitado, mas corresponde ao quadro mostrado nos Atos, e o mesmo foco fica evidente nos credos da Igreja que ele recita. O início da carta de Paulo aos romanos, por exemplo, proclama que Jesus foi “declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos”.<sup>6</sup> Essa declaração doutrinária, que deve ter sido formulada dentro de 25 anos após a morte de Jesus, atesta a importância fundamental da Ressurreição no mais antigo pensamento cristão.

A doutrina da Ressurreição, portanto, remonta à própria fundação da Igreja e foi sempre vista como central na fé cristã. Assim, perguntar o que originou o cristianismo equivale a perguntar o que gerou a crença na Ressurreição. As duas perguntas são a mesma, pois a Igreja foi fundada, depois da morte de Jesus, com base na crença no Cristo Ressuscitado. Se nada houvesse ocorrido na Páscoa, os enlutados e desencantados seguidores de Jesus jamais teriam sido levados a lançar um movimento religioso em seu nome.

Ajudaria, é claro, se pudéssemos afirmar com segurança de que forma os primeiros cristãos, em especial aqueles que declaravam (como Paulo) ter visto o Jesus Ressuscitado, entendiam o conceito de ressurreição. Até hoje, não há consenso entre os estudiosos com relação a essa questão, sobretudo porque ela se acha inextricavelmente ligada à interpretação controversa da própria Ressurreição. Pensavam os apóstolos que Jesus fora revivificado em seu corpo de carne e osso? Consideravam que ele assumira uma existência puramente espiritual no céu? Ou, quem sabe, utilizavam a linguagem da ressurreição só para expressar um sentimento ou uma convicção a respeito de sua contínua “presença” entre eles? Essas três possibilidades (e outras) vêm sendo analisadas por pesquisadores do Novo Testamento, o que reflete uma ampla variedade de atitudes religiosas e antirreligiosas.

O que não está em dúvida é que, no fim do século I, muitos cristãos entendiam a ressurreição em termos físicos: o corpo mortal de Jesus reergueu-se e deixou o túmulo. Essa interpretação de “carne e osso” define a forma como a Ressurreição é narrada nos quatro Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João), textos que, segundo o consenso, foram escritos em algum momento entre os anos 70 e 100 por cristãos anônimos da segunda ou terceira geração. De acordo com a descrição dos Evangelhos, a Ressurreição de Jesus foi demonstrada por três fenômenos: uma sepultura vazia, o que implicava a revivificação do corpo que fora inumado; uma (ou mais de uma) testemunha angelical junto ao túmulo; e diversas aparições do Jesus Ressuscitado a seus seguidores mais próximos, durante as quais ele se alimentou e foi tocado (além de, aparentemente, ter atravessado paredes sólidas e desaparecido no ar).

Se essa interpretação de carne e osso da Ressurreição já não era a predominante quando os Evangelhos foram escritos, decerto passou a sê-lo no período que se seguiu à sua disseminação. Ao fim do século II, os Evangelhos estavam a caminho de se tornar canônicos, e seu entendimento corpóreo da Ressurreição passou a ser afirmado como a visão tradicional da Igreja. A partir daí, os automeados líderes da Igreja “universal” (católica), os poderosos bispos que chefiavam as congregações nos principais centros do cristianismo primitivo, consideraram heréticas todas as demais interpretações.

A ideia tradicional de uma ressurreição em carne e osso permaneceu incontestada na cristandade por mais de um milênio e meio. Em retrospecto, é espantoso que um dogma tão inverossímil possa ter dominado a mente de tantas pessoas durante um período assim longo. O fato só atesta o poder imperialista da Igreja e seu contínuo e total domínio sobre a atividade intelectual, que só começou a afrouxar durante o Renascimento e a Reforma. Mesmo assim, outros duzentos anos transcorreriam antes que cétricos em

matéria de religião começassem a questionar os próprios fundamentos da fé cristã, fazendo reviver vozes que se achavam silenciadas desde a Antiguidade.

Houve quem recebesse a Ressurreição com descrença desde que ela foi anunciada nas ruas de Jerusalém pela primeira vez. Alguns judeus do século I julgavam a ideia de ressurreição um desatino; outros a aceitavam em princípio, mas não se convenceram de que Jesus tivesse sido restituído à vida. De acordo com Mateus, até alguns discípulos tinham dúvidas em relação à Ressurreição.<sup>7</sup> O evangelista também nos fala sobre a primeira explicação alternativa para o fato de o túmulo estar vazio. Ao que tudo indica, na época em que foi escrito o Evangelho de Mateus havia judeus que asseguravam que o corpo de Jesus fora roubado por seus discípulos à noite.<sup>8</sup> Se isso é verdade, o cristianismo foi fundado com base numa fraude.

Também os gentios (não judeus) de modo geral viam com ceticismo a ideia de que alguém pudesse se levantar dos mortos, e muitos autores antigos escarneceram da noção cristã de ressurreição. O mais eminente deles foi Porfírio, filósofo do século III, que escreveu uma refutação em quinze volumes, hoje perdida, zombando dos Evangelhos e ridicularizando a ideia da Ressurreição.<sup>9</sup> Do mesmo modo, em *A verdadeira doutrina*, obra do final do século II, o filósofo Celso (Aulo Cornélio Celso) debochou do “nauseante e impossível” conceito de ressurreição, perguntando: “Que tipo de corpo é esse, capaz de retornar à sua natureza original ou tornar-se o mesmo que era antes da corrupção?”<sup>10</sup> Tertuliano, um apologista cristão da mesma época, rebateu essas objeções racionais afirmando tão somente que “o fato é fidedigno porque é impossível”.<sup>11</sup> Não é necessário dizer que os herdeiros de Tertuliano fizeram com que as obras de Celso e Porfírio desaparecessem nas zelosas queimas de livros dos séculos IV e V. Só temos conhecimento de seus argumentos porque autores cristãos mais seguros de sua fé os citaram copiosamente a fim de refutá-los.<sup>12</sup>

Consolidado o cristianismo como a religião oficial romana, os Evangelhos e os Atos dos Apóstolos passaram a constituir o Novo Testamento e a ser vistos como as Escrituras Sagradas. Tornou-se perigoso para os súditos romanos pôr em dúvida a narrativa que eles faziam dos eventos. A maré montante de fé pouco a pouco inundou o império, levando para bem longe o espírito da investigação racional.

Só no século XVIII, com o Iluminismo, a maré começou a refluir. Levados pela revolução científica, os filósofos começaram, mais uma vez, a jogar água fria na fé cristã em milagres, uma fé que não se coadunava com a defesa passional que faziam de um universo racional. Ao mesmo tempo,

os historiadores iluministas reinventaram sua disciplina como uma “ciência humana”. Ou seja, a história passou a ser uma disciplina dedicada a explicar o passado da civilização unicamente em termos de comportamento humano, tentando descobrir as leis da natureza humana e rejeitando toda ideia de Providência ou intervenção divina. Aos poucos, Deus foi marginalizado na discussão acadêmica e, no fim do século XIX, estava confinado aos departamentos de teologia.<sup>13</sup> Nesse novo clima, a narrativa cristã tradicional a respeito do nascimento da Igreja — de uma missão lançada pelo Cristo Ressuscitado, contada nos Atos — já não transmitia convicção. A crença na Ressurreição, o milagre mais absurdo de todos, começou a se tornar cada vez mais implausível.

Contudo, isso fez com que os racionalistas tivessem de explicar o nascimento da Igreja de outra maneira. Eles criaram na história um buraco com a forma da Ressurreição, por assim dizer.

Como tapar esse buraco? Um dos primeiros autores a enfrentar o desafio, no século XVIII, foi o filósofo e linguista Hermann Samuel Reimarus, que partiu do boato judaico, mencionado em Mateus, de que os discípulos haviam roubado da sepultura o corpo de Jesus. Reimarus propôs que, encantados com a vida descansada que tinham levado, ajudando Jesus a divulgar seu evangelho, e avessos a perder seu prestígio como homens sábios e santos, os discípulos maquinaram uma trama cínica que os habilitasse a retomar a carreira de pregador: esvaziaram o túmulo e espalharam que Jesus lhes havia aparecido, ressurecto.<sup>14</sup> Essa teoria irreverente convenceu poucos. Foi publicada de forma póstuma e anônima, para proteger o renome do autor, mas o gênio da especulação tinha escapado da garrafa. Reimarus reinventara a Páscoa como um episódio histórico ordinário que podia ser investigado e debatido, como qualquer outro evento do passado, mediante os métodos e as presunções da história acadêmica.

Não tardou para que os racionalistas criassem outra teoria para preencher o buraco. Em vez de ressurgir milagrosamente dos mortos, argumentaram, Jesus tinha apenas passado por uma espécie de ressuscitação clínica: depois de perder a consciência na cruz, tinha revivido (com ou sem ajuda externa) no frescor da câmara mortuária, abandonando-a em segredo e então se reunido brevemente com seus discípulos.<sup>15</sup> Várias versões dessa “teoria do desfalecimento” foram propostas, mas em 1865 David Friedrich Strauss desferiu um golpe devastador ao observar que “um ser que se esgueirara quase morto da sepultura, fraco e doente, necessitado de tratamento médico, precisando de curativos, recuperação e ajuda, e que ainda, por fim, estava prostrado por seus sofrimentos”, dificilmente passaria a seus discípulos “a impressão de ser um conquistador da morte e do sepulcro, o Príncipe da

Vida”.<sup>16</sup> No entanto, Strauss nada tinha de conservador. Rejeitou a tumba vazia como uma lenda a-histórica e interpretou as aparições como uma série de “visões subjetivas” (alucinações), induzidas na mente dos discípulos pela intensa dor ante a morte de Jesus. No entender de Strauss, os discípulos não eram charlatães ou tolos, mas visionários ingênuos, uma ideia que logo foi abraçada por muitos racionalistas.<sup>17</sup>

Embora a teoria da alucinação recebesse numerosas objeções, a argumentação de Strauss obrigou os teólogos mais conservadores — os que resistiam a pôr de lado a ideia da intervenção divina — a repensar a Páscoa para si mesmos. Uma interpretação que teve (e ainda tem) boa acolhida por muita gente é aquela segundo a qual, em vez de meras alucinações, as aparições da Ressurreição foram “visões objetivas”, isto é, reais, percepções mentais de Jesus espiritualmente ressurrecto. Essa teoria foi divulgada por Theodor Keim num livro publicado em 1872, no qual ele comparou as aparições a uma série de “telegramas” enviados do céu.<sup>18</sup> A analogia mostrou-se persuasiva. Apesar de envolver o abandono da ideia de que Jesus tinha ressuscitado fisicamente, deixando atrás de si uma tumba vazia, a teoria de Keim ao menos parecia livrar a Ressurreição do psicologismo ateu.

No fim do século XIX, portanto, a visão cristã tradicional da Ressurreição tinha sido virada de cabeça para baixo. Racionalistas e conservadores reinterpretavam a Páscoa como uma série de visões — ilusórias ou reais — e relegavam o túmulo vazio ao campo das lendas religiosas. Tendo deixado de lado o mito eclesiástico, os estudiosos pareciam prontos a revelar a verdade histórica da Ressurreição. Mas a revelação nunca veio.

No decurso dos últimos 150 anos, o problema tornou-se crônico, já que não foi solucionada a “questão da Ressurreição”. Inúmeros intelectuais refizeram os passos dos pioneiros dos séculos XVIII e XIX, propondo muitas formas bizarras e prodigiosas de ver o surgimento do cristianismo, mas todas as soluções já propostas encerram problemas sérios e nenhuma delas teve plena aceitação. Desmentindo o otimismo intelectual do Iluminismo, vê-se que o segredo da Ressurreição é tão fugidio quanto o snark, a presa misteriosa do maravilhoso poema nonsense de Lewis Carroll. Ao que parece, há alguma coisa no episódio que desafia o bom senso.

Seria um pouco mais fácil se houvesse acordo quanto a alguns fatos básicos que devem ser explicados, mas o problema é tão complicado que nenhum ponto ligado ao episódio é incontestado. Depois de tanto tempo, não há consenso quanto ao túmulo ter sido achado vazio ou não, quanto aos discípulos terem visto alguma coisa ou não e até quanto a alguma coisa

ter acontecido ou não. Diferentes autores atribuem importância a diferentes elementos da tradição do Novo Testamento e descartam diferentes informes como mitos. Há quem ache que a tumba foi realmente encontrada vazia, mas teorize que os líderes romanos ou judeus removeram o corpo de forma sub-reptícia, para que o sepulcro não se tornasse o foco de um culto ao mártir;<sup>19</sup> outros, que consideram fictícios os relatos sobre a tumba vazia, julgam essa especulação equivocada e irrelevante. Alguns dizem que as aparições foram encontros com Jesus ou com uma pessoa parecida com ele — talvez seu irmão gêmeo; para outros, elas foram apenas sensações ilusórias provocadas pela dor, pela decepção ou por sugestão pós-hipnótica.

O resultado é que hoje, no começo do século XXI, além da “teoria da fraude”, da “teoria do desfalecimento”, da “teoria da visão subjetiva” e da “teoria da visão objetiva”, todas ainda em debate, temos a “teoria da dissonância cognitiva”, a “teoria da identificação errônea”, a “teoria da remoção ilegal do corpo”, a “teoria da experiência do luto” e várias outras.<sup>20</sup> Essa enorme balbúrdia acadêmica, a respeito do mais influente episódio da história universal, é desconcertante, para dizer o mínimo.

Uma reação a essa polêmica tem sido afirmar que a Ressurreição não tem base histórica nenhuma, que a Igreja não nasceu em resposta a alguma coisa que aconteceu depois da morte de Jesus, mas que teve início como um amplo e complexo movimento social, com inúmeros grupos de cristãos que, pouco a pouco, se juntaram e formularam suas crenças a partir de raízes judaicas e pagãs. A Ressurreição, dizem os partidários dessa tese, foi uma ideia derivada de antigos mitos de deuses moribundos ou em ascensão (Osíris, Átis, Adônis e Tamus), uma ideia da qual os primitivos cristãos se apropriaram para explicar melhor a origem de sua nova comunidade religiosa.<sup>21</sup> O problema das origens cristãs se transfere, assim, do domínio dos acontecimentos para o domínio das ideias: não há um buraco histórico a ser preenchido, apenas entulhos intelectuais a serem removidos.

Esse enfoque “mítico” tem seus méritos. Antes de mais nada, força-nos a aclarar a natureza do mistério histórico que desejamos compreender. O que, precisamente, tem que ser explicado? Como podemos estar seguros de que houve um fato que deu à Igreja um pontapé inicial e ela não evoluiu gradualmente? Como podemos saber que a Ressurreição não se originou como puro mito, mais tarde transformado em história pelos evangelistas? É importante fazer essas perguntas, ter certeza de que estamos lidando com um problema histórico real, e não com uma ilusão produzida pela atividade literária de alguns cristãos primitivos. Em última análise, entretanto, o argumento não é convincente. Jesus não pode ser completamente apagado da história, e diversos indícios levam a crer que alguma coisa extraordinária aconteceu como

consequência de sua morte. O fato é que não podemos ignorar, como se fosse uma miragem, aquele buraco na história com a forma da Ressurreição.

Há muitos séculos, os racionalistas do Iluminismo desafiaram os tradicionalistas para um debate acerca da Ressurreição, um debate que representava o âmago da disputa entre a fé e a razão. Jamais poderiam ter imaginado como esse debate seria prolongado, complexo e inconcludente. À medida que declinava a influência do cristianismo no fim do século XIX, os racionalistas se desinteressaram do assunto, que lhes parecia inescrutável, e os teólogos ficaram a se comprazer sozinhos. O grande debate converteu-se numa tertúlia acadêmica.

Isso não teria maior importância se a Ressurreição fosse somente mais um relato de milagre, como o apaziguamento da tempestade no mar da Galileia ou a cura do cego Bartimeu. Mas ela é muito mais do que isso: é uma questão de fundamental transcendência — histórica e religiosa. Sem a certeza do que ocorreu na Páscoa, o cristianismo carece de atestado de nascimento. É como se os americanos não soubessem ao certo de que modo os colonizadores europeus chegaram ao Novo Mundo ou como se os antropólogos não fizessem ideia de como os seres humanos evoluíram. E, já que o cristianismo exerceu uma influência notabilíssima nos dois últimos milênios, todo o mundo moderno participa, em grau expressivo, de sua crise de identidade. Enquanto os fatos da Páscoa continuarem obscuros, não saberemos como surgiu a era cristã. O nascimento do cristianismo não é uma questão secundária para ninguém.

Não obstante, a falta de consenso na compreensão da Ressurreição não é, em geral, notada ou reconhecida. Os historiadores se habituaram de tal forma a pôr de lado o problema da Ressurreição — e toda a questão da origem do cristianismo — que raramente tentam investigá-lo para si mesmos.<sup>22</sup> Em vez de fazê-lo, passam a tarefa aos teólogos e ao grêmio especializado de especialistas no Novo Testamento (cujo trabalho, com muita frequência, tem motivações teológicas).

Ironicamente, muitos teólogos liberais do século passado se mostraram quase tão céticos em relação à Páscoa quanto os partidários do mito. Por uma razão ou outra, recusaram-se a especular sobre a causa histórica da crença na Ressurreição ou disseram que ela surgiu na ausência de um evento especial.<sup>23</sup> Essas pessoas são desmentidas por outras que insistem, ainda hoje, na realidade da Ressurreição em carne e osso. Essa doutrina tradicional ainda é defendida por multidões de cristãos e, cada vez mais, por teólogos conservadores.<sup>24</sup> Tal tendência tem mais a ver com a bem-sucedida institucionaliza-

ção dos estudos evangélicos e com a abundância de espírito pós-moderna do que com o valor da ideia em si, mas serve como um robusto lembrete de que os historiadores da corrente predominante ainda não conseguiram explicar a Páscoa.

A obra recente mais importante sobre o evento fundador do cristianismo é uma defesa vigorosa da doutrina tradicional elaborada por um bispo anglicano, Tom Wright, que tira partido do fato de os secularistas não proporem uma teoria convincente em apoio a suas teses. Wright admite a possibilidade de que alguém, um dia, “apresente o sonho do crítico cético”, uma explicação inteiramente naturalista para a gênese do cristianismo que “não cause agitação nos arraiais críticos”. Mas ele se consola com a ideia de que, “apesar das tentativas quase desesperadas de muitos eruditos durante os últimos dois séculos (para não falar dos críticos desde Celso, pelo menos), não se encontrou explicação dessa natureza”.<sup>25</sup> Trata-se de uma ideia digna de nota — os críticos vêm procurando uma explicação racional para a Ressurreição quase há tanto tempo quanto os cristãos vêm esperando o Segundo Advento.

Encorajado, Wright propõe aos historiadores um desafio: “Que relato alternativo será capaz de explicar os dados tão bem, constituir uma explicação alternativa que abarque toda a evidência e, assim, questionar o direito da ressurreição corpórea de ser vista como *necessária*?”<sup>26</sup> Quase uma década depois, ninguém ainda aceitou o desafio.<sup>27</sup> A atitude corrente dos historiadores é exemplificada pela de Charles Freeman, que, com pessimismo, reconhece: “É provável que jamais possa ser feito um ‘relato alternativo capaz de explicar os dados relativos a toda a evidência’”.<sup>28</sup> Reimarus poderia nunca ter pego a pena.

Estamos diante de um impasse: a “ciência humana” é incapaz de mostrar o caminho a seguir; a fé tradicional só consegue apontar para trás. Como nos livrar desse dilema de séculos? A única forma está em tentar um novo método, não tolhido pelas formas habituais de pensamento histórico e teológico. Acredito que existe, na verdade, um meio de compreender a Ressurreição de modo racional, transformando um enigma histórico num dos episódios mais inteligíveis da história antiga. Mas não será um meio capaz de evitar agitação entre a crítica. Isso porque exige levar a sério um objeto que foi, há muito, banido para a periferia mais distante do debate acadêmico. Esse objeto é o Santo Sudário.